

Fernando Manhães

É publicitário e professor do curso de Comunicação Social da Ufes

OPINIÃO17

SÁBADO, 21 DE NOVEMBRO DE 2015 A GAZETA

/// Estado que investe pouco em educação, e de forma equivocada, faz parecer que fazemos piada de nós mesmos

Ainda somos 13,2 milhões de analfabetos

O Brasil tem uma população analfabeta com 15 ou mais anos de idade de 13,2 milhões em 2014, segundo apontou a Pnad (Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios), divulgada na semana passada. A boa notícia é que, pelo segundo ano consecutivo, a taxa de analfabetismo do país recuou de 8,5% para 8,3% da população com mais de 15 anos. Ao longo de uma década, o número de analfabetos encolheu em 2,1

milhões. E ficou por aí. Ainda somos 13,2 milhões de analfabetos.

Porém, parece que a temática adotada pela presidente Dilma – Pátria Educadora – é uma vergonha diante desses números. Um Estado que investe pouco, e ainda por cima investe de forma equivocada, faz parecer que fazemos piada de nós mesmos no quesito educação. Fazendo um recorte do Brasil, mais da metade da população anal-

fabeto está no Nordeste, com 54,1%, o que representa 16,6% da população. No outro extremo está a Região Sul, com 4,4% de analfabetos, a menor proporção em relação ao total da população brasileira.

Segundo a Pnad 2014, o maior desafio é reduzir o analfabetismo dos idosos: uma a cada quatro pessoas com mais de 60 anos é analfabeta. São 6,4 milhões de pessoas que vivem na zona rural ou nas periferias dos grandes centros do Brasil, que ficaram fora da universalização do ensino básico e muitos deles condenados ao subemprego, à falta de oportunidades e, conseqüentemente, à melhoria de vida e de melhores salários.

Infelizmente, ler e escrever no nosso

país ainda é um luxo, o que certifica desgraçadamente ao Brasil a oitava posição dentre os dez países que concentram 72% dos adultos analfabetos do mundo, segundo relatório divulgado neste ano pela Unesco. No passado, os programas desenvolvidos pelo governo brasileiro, como o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e, posteriormente, o Plano de Alfabetização Funcional, ao longo do tempo podem ter contribuído para a redução dos analfabetos, principalmente dos analfabetos funcionais, aqueles que podem ler e escrever um pequeno texto e fazer operações simples de matemática, mas não conseguiram reduzir a dívida com esses brasileiros que não podem exercer plenamente a sua cidadania.